

VIOLÊNCIA E OPRESSÃO: VOZES FEMININAS SILENCIADAS NA CONTÍSTICA DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

VIOLENCE AND OPPRESSION: SILENCED FEMALE VOICES IN JULIA LOPES DE ALMEIDA'S NARRATIVE STYLE

Cristina Löff Knapp 1

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir como é construída a representação do sujeito feminino no conto "Os porcos", de Júlia Lopes de Almeida, que integra a obra *Ânsia eterna*, publicada pela primeira vez em 1903. Nossa pesquisa é de revisão bibliográfica e a intenção é elucidar a violência sofrida pela personagem Umbelina, vinda tanto de sua família, como da sociedade em que está inserida. Para tanto, utilizaremos as considerações da crítica feminista a fim de trazer à tona as vozes silenciadas pela sociedade do século XIX. Além disso, resgatamos os estudos sobre Júlia Lopes de Almeida, autora que foi esquecida pela historiografia literária.

Palavras-chave: Silenciamento. Voz Feminina. Júlia Lopes de Almeida.

Abstract: The aim of this paper is to discuss how the female subject is represented in the short story "The Pigs", by Julia Lopes de Almeida, which is part of the work *Ânsia eterna*, originally published in 1903. Our research is a review of literature that intends to elucidate the violence suffered by Umbelina, coming either from her family or from the society in which she is inserted. In order to do so, we use feminist criticism perspectives to bring to light the silenced voices from the 19th century. In addition, we rescue studies about the works by Julia Lopes de Almeida, a writer who has been forgotten by literary historiography.

Keywords: Silencing. Female Voice. Julia Lopes de Almeida

Doutora em Letras, Literatura Comparada (UFRGS). Professora 1
no Curso de Letras e no Programa de Mestrado em Letras e Cultura da
Universidade de Caxias do Sul (UCS).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6722400168399454>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1593-8734>.
E-mail: clknapp@ucs.br

Quando a cabocla Umbelina apareceu grávida, o pai moeu-a de surras, afirmando que daria o neto aos porcos para que o comessem. O caso não era novo, nem a espantou, e que ele havia de cumprir a promessa, sabia-o bem. Ela mesma, lembrava-se, encontrara uma vez um braço de criança entre as flores douradas do aboboral. Aquilo, com certeza, tinha sido obra do pai. Todo o tempo da gravidez pensou, numa obsessão crudelíssima, torturante, naquele bracinho nu, solto, frio, resto de um banquete delicado, que a torpe voracidade dos animais esquecera por cansaço e enfartamento (Júlia Lopes de Almeida, trecho dos conto: Os Porcos).

Introdução

A literatura recria, por meio da voz de um ente ficcional, a realidade. Essa realidade pode representar as vozes dominantes da sociedade. Durante anos a cultura patriarcal predominou em nosso país oprimindo e silenciando o sujeito feminino que não teve o direito de se expressar. Contudo, com o passar dos anos, isso foi mudando. Constância Lima Duarte (2017) elucida que a leitura e a escrita foram de fundamental importância para que a mulher adquirisse consciência de sua condição de inferioridade. De certa forma, isso fez com que a mulher entendesse “a condição subalterna a que o sexo estava submetido, e proporcionou o surgimento de escritos reflexivos e engajados” (DUARTE, 2017, p. 14).

Esses escritos reflexivos ganharam força no século XIX, principalmente com a escrita de autoria feminina que começou a se manifestar tanto na imprensa quanto por meio de obras literárias. Foram várias as vozes femininas que buscaram eco na sociedade patriarcal masculina. Um dos nomes de relevância no período foi Júlia Lopes de Almeida, autora que teve uma profícua produção literária, inclusive contribuindo na imprensa. Porém, após a sua morte, ficou esquecida. Por isso, hoje é importante trazer à tona os escritos da autora que ficaram silenciados por muito tempo.

Em nosso artigo, temos a intenção de discutir como é representado o sujeito feminino oprimido e silenciado em um conto da autora Júlia Lopes de Almeida, presente na obra *Ânsia eterna* (2019). Nosso corpus de estudo será o conto “Os porcos”. A pesquisa é de caráter de revisão bibliográfica apoiada em teóricos da crítica feminista.

Rompendo o silêncio: a mulher escritora

Se voltarmos o nosso olhar para as produções literárias do século XIX, verificamos a escassez de escritoras femininas. Somente no século XX é que foram surgindo mais nomes. A historiografia literária é quase nula no registro de escritoras do século XIX. Tudo isso é consequência de uma sociedade patriarcal que privilegiava a escrita masculina.

Duarte (1997) assinala que muitas mulheres publicaram sob pseudônimos, inclusive masculinos, para evitar críticas. Ressalta, também, o fato de que se já houvesse um homem escritor na família, a mulher não poderia escrever para não fazer sombra aos escritos masculinos.

Com a ascensão da burguesia houve a consolidação de um novo tipo de família estabelecido a partir da mulher que, nesse caso, não era considerada o centro do poder, mas a organizadora desse novo lar e dos cuidados com o marido e os filhos. O ideal de mãe e esposa perfeita levava em consideração uma boa educação da mulher, com o intuito de que ela soubesse se portar nos eventos sociais do marido. Vale frisarmos que a boa educação era básica, apenas com fim de sociabilidade, ou com a finalidade prática de tocar algum instrumento musical. Telles (2004) pontua que:

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do

mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição (TELLES, 2004, p. 402).

A citação de Telles confirma a visão que a sociedade tinha da mulher a partir do século XVIII: uma visão dialética. Isso porque ou era delicada e meiga ou o oposto, quando exercia papéis que não eram aceitos pela sociedade patriarcal burguesa. Além disso, também era vista como fonte inspiradora, a musa, com suas feições delicadas e angelicais. Telles (2004) assinala que:

A mulher serviu também de espelho mágico entre o artista e o Desconhecido, tornando-se Musa inspiradora e criatura. Para poder tornar-se criadora, a mulher teria de matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado do anjo, o monstro da rebeldia ou da desobediência. O processo de matar o anjo ou o monstro refere-se à percepção das prescrições culturais e das imagens literárias que de tão ubíquas acabam também aparecendo no texto das escritoras (TELLES, 2004, p. 341).

Aos poucos, o sujeito feminino foi conquistando seu espaço e reivindicando seus direitos. Dentre eles, a educação. Com a instrução, a mulher além de leitora passou também a escritora. Isso emergiu reconfigurando os escritos ficcionais, uma vez que a mulher procurou dar voz aos sujeitos silenciados e oprimidos pela sociedade. Zolin (2004) evidencia que as produções canônicas apresentavam estereótipos já constituídos pela sociedade androcêntrica. Em suas palavras, foi

Recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher megera, o da mulher indefesa e incapaz, e entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam (ZOLIN, 2004, p. 170).

A repetição dos estereótipos na literatura marcou o pensamento da sociedade em relação à mulher. Isso só foi adquirindo uma nova nuance a partir do momento em que a leitura e a educação adentraram no universo feminino. Telles salienta sobre as mulheres do século XIX:

Tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (TELLES, 2004, p. 337).

Além disso, Ruela (2009) elucida que a produção literária do sujeito feminino no período anterior ao surgimento do movimento feminista apresentou personagens oprimidas pela sociedade patriarcal, tentando se enquadrar nas produções vigentes. A discussão de sua condição ficava em segundo plano. Como enaltece Ruela (2009):

As mulheres, nesse contexto, encontravam-se também presas à ideologia dominante, de forma que era impossível ir em outra direção. Por isso, as mulheres tinham como opositores os seus próprios valores enraizados. Nesses textos, há, claramente, a internalização dos valores vigentes, ou seja, há a reduplicação

da tradição ideológica e estética vigentes do patriarcalismo e, no que se refere à situação da mulher, há um sutil e acanhado desabafo, sem que haja, de fato, reivindicações ou discussões acerca do gênero. Nesse primeiro momento, então, o grande fato propulsor foi a voz feminina fazer-se ouvir na seara literária, reservada até então para os homens, sendo essas escritoras as pioneiras e as responsáveis pela quebra do silenciamento imposto às mulheres (RUELA, 2009, p. 46)

A quebra do silenciamento imposto só foi possível no momento em que a educação e a leitura adentraram aos lares femininos. Perrot (2008) informa que algumas mulheres que habitavam os conventos e eram voltadas para a vida religiosa conseguiam escrever e que, além disso, a leitura era uma espécie de companheira. Aliás, a reclusão, nas palavras de Perrot (2008), era uma fuga do poder patriarcal. Lobo (1997) reforça essa afirmação de Perrot:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita- só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos (LOBO, 1997, p. 5).

Por meio dessas frestas, a mulher escritora foi conquistando espaço na literatura brasileira, embora seja preciso assinalar que muitos livros de história da literatura escritos por homens registram apenas escritores, mantendo a hegemonia androcêntrica. Por isso, a educação e a leitura foram um marco importante para a mulher obter o seu espaço na sociedade e lutar pelos seus direitos.

A escrita de Júlia Lopes de Almeida

Júlia Valentina da Silveira Lopes é o nome de batismo da escritora Júlia Lopes de Almeida, nascida em 1862, na cidade do Rio de Janeiro. O sobrenome “Almeida” foi herdado do casamento com o primo Filinto de Almeida. Pertenceu a uma família com boas condições sociais e econômicas. Teve uma saúde um pouco frágil quando criança, o que a impediu de frequentar escolas. Por essa razão, foi alfabetizada pela mãe e pela irmã. A autora cresceu rodeada de arte e cultura. Na Biografia, escrita por Margarida Lopes de Almeida, sua filha, temos a seguinte informação:

Sua Mãe, dona Adelina Antônia do Amaral Pereira, era descendente dos Pereira - de Nun'Álvares, o santo condestável. Seu pai, de ilustre família lisboeta, aos 20 anos, era já formado em medicina [...]. Dona Adelina tinha a sua inteligência voltada para as coisas de espírito, cantando com bela voz que herdou uma de suas filhas. O pai dedicou-se à ciência e à literatura, por isso a menina cresceu num meio favorável ao desabrochar do seu talento e do seu gosto (ALMEIDA, 2015, 181-182).

Júlia Lopes de Almeida foi incentivada a escrever desde pequena, como evidenciou Margarida Lopes de Almeida (2015). Nessa biografia, ela noticia que Dona Júlia, como era chamada pela família, escrevia versos ainda criança. Em uma ocasião, uma de suas irmãs mostrou ao pai, que também foi colaborador de um jornal, os escritos de Júlia. A reação foi bastante inesperada. No dia seguinte ao acontecimento, o pai de Júlia Lopes de Almeida a leva ao teatro e, ao final do espetáculo, solicita à filha que escreva um artigo a respeito da apresentação assistida. O artigo seria publicado no periódico *Gazeta de Campinas*, jornal em que seu pai era colabo-

rador. Muito tempo depois, a autora descobriu que esse texto não passou de uma invenção de seu pai, a fim de apoiar os escritos da filha. Porém, o escrito veio a público em 1881, no mesmo jornal *Gazeta de Campinas*. Almeida tinha 19 anos e a partir daí tornou-se colaboradora do periódico. Margarida Lopes de Almeida pontua que:

Sem incensar demasiadamente o talento da filha, facilitou-lhe o pai desde então a leitura dos grandes mestres da língua. Deu-lhe professores de francês e de inglês, tendo consigo a obra completa de Shakespeare [...] Com o irmão fazendeiro, conheceu de perto a vida do lavrador brasileiro, dos escravos, das sinhás e das sinhazinhas, os problemas do campo, o drama das geadas, das secas e das enchentes, a tragédia das pestes [...]. Os seus olhos observavam, a sua alma inundava-se de comoção, de revolta, de desespero e de piedade (ALMEIDA, 2015, p. 185-186).

Destacamos, das várias obras publicadas por Almeida, *Contos infantis* (1886), *Traços e Iluminuras* (1887), *Livro das noivas* (1896), *A viúva Simões* (1897) e *Ânsia eterna* (1903), um livro de contos, objeto de nosso estudo. Ressaltamos que a autora teve muitas outras obras publicadas, citamos apenas algumas.

É premente mencionar que as contribuições de Almeida na imprensa do período foram intensas. Conforme nos informa Lucca (1999), no ano de 1895, a autora fixa residência no Rio de Janeiro, onde começa a contribuir com o jornal *O País*, no qual permanece por trinta longos anos. Sua coluna foi intitulada “Dois dedos de prosa” e assinada sob o pseudônimo de Écila Worms.

Além do jornal *O País*, Almeida colaborou com a revista *A Mensageira*, que foi dirigida e idealizada por Presciana Duarte de Almeida. A revista circulou em São Paulo entre os anos de 1897 e 1900. Já no primeiro número, que circulou no dia 15 de outubro do ano de 1897, podemos encontrar um artigo da escritora na coluna “Entre amigas”, enaltecendo o grande ideal da publicação e a importância da educação para o sujeito feminino:

Esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, a reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilita e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturais. Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família, sem detrimento do trabalho do homem (ALMEIDA, 1987, p. 4-5).

O artigo de Júlia Lopes de Almeida procurou divulgar a importância do trabalho e do estudo para o sujeito feminino como uma forma de conquista de um lugar melhor na sociedade. Esse foi um dos ideais da revista *A Mensageira*, a reivindicação dos direitos iguais entre homens e mulheres, dos quais boa parte estava atrelada ao acesso à educação e não se tornou problema para Almeida. Como vimos anteriormente, desde muito cedo, ela teve acesso aos livros e foi incentivada a escrever. Eleutério (2005) esclarece sobre a autora:

Com suavidade e perspicácia, Júlia Lopes seria o modelo da mulher letrada bem-sucedida da virada do século e no decorrer da República Velha [...], tomada como símbolo da emancipação feminina que circunscrevia as letras às horas roubadas à maternidade e dos deveres da casa, Júlia figurou sempre como mulher empreendedora e celebrada justamente porque conciliava os mais diversos papéis sociais da nova mulher (ELEUTÉRIO, 2005, p. 82).

Ainda nas palavras de Margarida Lopes de Almeida (2015), Dona Júlia, como era assim chamada, sempre manteve a harmonia entre a família e riscava de seu vocabulário alguns vo-

cábulos considerados por ela agressivos. “Incapaz de odiar, sofria calada algumas ingratidões ou malquerença de que foi vítima” (ALMEIDA, 2015, p. 200). O conjunto de sua obra foi muito vasto. E o respeito e prestígio que a autora teve na época também impressiona. Como assinala sua filha, “escrevia sem cessar” (ALMEIDA, 2015, p. 199) e “coisa curiosa, era tal o respeito que minha mãe inspirava, que ninguém se referia ao seu nome sem o anteceder do respeitoso Dona” (ALMEIDA, 2015, p. 207). A respeito de sua escrita, Dias (2020) destaca:

Sua escrita guarda traços do movimento (romântico), principalmente na doçura e forma como conduz as palavras, ou em alguns desfechos narrativos, mas traz nas obras a representação do sujeito feminino com base na vivência de mulher, consciente da condição de subjugada (DIAS, 2020, p. 26).

Essa condição da mulher subjugada e silenciada pela sociedade patriarcal está representada nos contos de Júlia Lopes de Almeida que compõem a obra *Ânsia eterna*, como veremos na análise do conto “Os porcos”.

Umbelina: símbolo da violência opressora do sujeito masculino

A obra *Ânsia eterna* foi publicada pela primeira vez em 1903 e ganhou uma segunda edição em 1938, quatro anos após a morte de Almeida. Sabemos que essa edição passou por uma revisão em que algumas narrativas foram retiradas e outras foram acrescentadas. A edição de 1938 conta com 28 contos. Já no ano de 2013, a Editora Mulheres, com a supervisão da pesquisadora e professora Zahidé Muzart, publicou uma nova edição da obra, resgatando os escritos da autora que ficaram perdidos ao longo dos anos. E, em 2019, o Senado Federal publica, por meio do projeto *Coleção Escritoras do Brasil*, novamente a obra *Ânsia eterna*, e é essa edição que utilizaremos em nossa análise.

Os contos da obra tematizam o fantástico, o medo, a violência e, como menciona Figueiredo (2014), alguns temas inusitados para a época, elevando-a ao inesperado. Em relação ao título da obra, Figueiredo assinala que:

Primeiramente é preciso analisar o nome desse trabalho: *Ânsia eterna* não é apenas a metáfora presente para descrever a expectativa da autora em relação à construção de temáticas que fogem ao lugar comum, mas também, a descrição exata de enredos que pontuam uma íntima relação entre o real e o trágico, na qual a palavra *ânsia* se constitui como um tipo de adjetivação a ser cultivada no leitor, como resultado das conclusões impressas nos enredos de seus contos (FIGUEIREDO, 2014, p. 68).

Essa íntima relação do real com o trágico pode ser observada no conto “Os porcos”. O conto foi traduzido para o francês “*Les porcs*” e inserido na *Revue de L’Amérique Latine*, em 1929, conforme as informações de Salomoni (2005), e foi dedicado a Artur Azevedo. Vale lembrarmos a querela que a temática desse conto ocasionou na época. Isso porque a história de uma jovem que engravida do filho do patrão e tem seu filho, logo após o nascimento, devorado pelos porcos, também aparece no romance *Canaã*, de Graça Aranha.

Amed (2010) explica que o conto foi publicado pela primeira vez em 1902 por H. Garnier, o mesmo ano de publicação do romance de Graça Aranha. O autor não faz menção ao nome de Almeida. Além disso, Amed comprova essa afirmação dizendo que Félix Pacheco, então diretor do *Jornal do Comércio*, periódico em que Almeida publicava, enviou uma carta para José Veríssimo acusando Aranha de plágio ao conto de Júlia. Mais tarde, o autor de *Canaã* explicou publicamente que não sabia da existência do conto de Almeida. Silva (2018), em seu estudo intitulado *Mulher, colonização e descolonização em contos de Júlia Lopes de Almeida*, salienta sobre o mesmo assunto:

A história rompia os limites da ficção, estando inserida nas condições históricas da época. A autora Júlia Lopes de Almeida declara, em entrevista a *Do Rio* (1909), que este conto é um de seus únicos trabalhos baseados em história real, não sendo fruto exclusivo de imaginação: —O caso dos Porcos' eu ouvi contar numa fazenda, quando ainda era solteira. Os homens do mato são em geral maus. A narração era feita com indiferença, como se fosse um fato comum. Horrорizou-me (ALMEIDA in *DO RIO*, 1909 p. 27). A escritora transformou a narração em uma nova perspectiva, a partir da personagem principal, mas a história era considerada normal para os padrões daquele período (SILVA, 2018, p.84).

O conto de Almeida, embora tenha estado envolvido nessa polêmica, traz o olhar apurado da autora para a opressão e a violência contra a mulher no século XIX. A cabocla Umbelina, personagem central do conto, após ter engravidado do filho do dono da fazenda onde mora com a família, enfrenta a ira de seus genitores. O pai a renega e ainda afirma com veemência que quando seu neto nascer, irá jogá-lo aos porcos como alimento. Sua mãe também a rejeita e o amante já está de casamento marcado com outra moça.

A personagem, nas palavras de Dias (2020), é transgressora, visto que a sociedade da época não aceitava que a mulher perdesse a virgindade antes do casamento. O culto ao corpo, como algo sagrado, que só poderia ser desvelado depois de casada, foi tematizado nessa história. Almeida traz à tona uma personagem vítima da violência opressora da sociedade androcêntrica. Ela não é uma personagem modelo das histórias romanescas do período.

Perrot (2003), no ensaio *Os silêncios do corpo da mulher*, esclarece que o corpo feminino é objeto de desejo, faz parte do imaginário dos homens, dos poetas. Porém, a mulher não fala do seu próprio corpo. “O pudor que encobre seus membros ou lhe cerra os lábios é a própria marca da feminilidade” (PERROT, 2003, p. 13). Assim como exposto por Telles (2004), Perrot (2003) também elucida que o silenciamento do corpo da mulher deveria ser enaltecido como uma grande virtude, mantendo o seu pudor.

De acordo com a lei, um homem sozinho não consegue vencer a resistência de uma mulher. Isso significa que a estuprada é necessariamente conivente e, portanto, não se trata de um estupro. Só se reconhece o estupro quando cometido por vários homens, em grupo. E a maior parte das denúncias é rejeitada e arquivada sem processo (PERROT, 2003, P. 18-19)

Diante do exposto, constatamos que, mesmo que a mulher fosse atacada por um homem, o estupro só seria considerado se houvesse mais de duas pessoas envolvidas. Ou seja, a violência que a cabocla Umbelina sofreu tem ela como principal responsável. Para a sociedade da época, a mulher que não guardava seu corpo era considerada impura.

Umbelina nutre um sentimento de ódio em relação ao filho que carrega no ventre e ao seu amante. Isso porque a moça sabe que o casamento com o filho do patrão da fazenda jamais seria concretizado. Ele já estava de casamento marcado com outra jovem da sociedade, escolhida e aprovada por sua família e que se enquadrava nos mesmos padrões sociais. A cabocla transgredia ao padrão esperado de mulher para o homem de classe social mais alta: era pobre e teve sua honra perdida antes do casamento.

A solução que a personagem encontra para o seu problema é ter o filho e matá-lo após o parto, na frente da casa do amante. Para ela, essa seria a sua vingança. Além disso, Umbelina acredita ser menos cruel acabar com a vida do filho do que deixar seu pai entregar a criança como alimento aos porcos.

A jornada de tormento e pavor de Umbelina tem sua culminância quando sente as primeiras dores do parto. Com isso, a moça parte em direção à casa do pai da criança. Esse trajeto é feito à noite, em meio ao milharal e denota a situação de pavor e opressão que a jovem passava. Vejamos:

No meio do pasto, uma figueira enorme estendia os braços sombrios, pondo uma mancha negra em toda aquela extensão de luz. A cabocla quis esconder-se ali, cansada da claridade, com medo de si mesma, dos pensamentos pecaminosos que tumultuavam no seu espírito e que a lua santa e branca parecia penetrar e esclarecer. Ela alcançou a sombra com passadas vacilantes; mas os pés inchados e dormentes já não sentiam o terreno e tropeçavam nas raízes de árvores, muito estendidas e salientes no chão. A cabocla caiu de joelhos, amparando-se para a frente nas mãos espalmadas. O choque foi rápido e as últimas dores do parto vieram atalhar. Quis reagir ainda e levantar-se, mas já não pode, e furiosa descerrou os dentes, soltando os últimos e agudíssimos gritos da expulsão. Um minuto depois a criança chorava sufocadamente. A cabocla então arrancou com os dentes o cordão da saia e, soerguendo o corpo, atou com firmeza o umbigo do filho, e enrolou-o no xale, sem olhar quase para ele, com medo de o amar[...] (ALMEIDA, 2019, p. 43).

A longa citação indica o momento em que Umbelina traz à luz o filho ao mesmo tempo em que a variação de sentimentos a envolve. A jovem quer se vingar do amante matando o recém nascido, porém tem medo de amá-lo. Frisamos que a situação na qual se encontra demonstra o abandono e o desprezo que a personagem enfrenta. Ela tem o filho sozinha no meio da noite, isso denota a tendência da sociedade de punir as mulheres transgressoras. Embora, como afirma Silva (2018), Umbelina não culpa seu pai ou seu amante pela violência que sofre.

Umbelina, mesmo discordando dos dois homens de sua vida, jamais via a si mesma na posição de vítima, de alguém que fora injustamente agredida pelo pai e de que teria vivido uma relação de abuso sexual pelo enamorado. Em mais uma história, a subalterna não tem direito à voz e, o rompimento de sua submissão, teria como fim a morte do filho. A ruptura do papel social e da condição de vida imposta à cabocla far-se-ia através da mensagem que ela pretendia deixar, com a morte do nascituro na escadaria do pai biológico da criança, vingando-se do homem que a abandonou e do próprio pai que a espancou e ameaçou (SILVA, 2018, p. 85).

Vale lembrarmos que desde o início da narrativa até o seu término a personagem Umbelina sofre pelo erro cometido. A moça é castigada pela sua família e também pelo amante que não a quer mais. É lúcido trazer à tona a condição social da cabocla. Como fazia parte da camada menos favorecida da sociedade, a mulher também sofre com o preconceito de raça. Del Priore (2006) informa que as mulheres negras, mulatas ou caboclas eram vistas pela sociedade do século XVIII e XIX como servis. Para elas o matrimônio não era permitido. Os senhores de escravos e a sociedade androcêntrica, em geral, julgavam, no seu imaginário, as negras, mulatas e caboclas como indignas de matrimônio. Elas serviam para satisfazer os desejos sexuais dos homens.

A violência e a exploração sofrida por Umbelina é uma consequência dessa sociedade patriarcal que oprimia a mulher de classe social inferior ou de cor. Um resquício da colonização europeia em nosso país. Silva (2018, p. 83) pontua que “para casar com o filho do dono da fazenda, a mulher deveria ser de camada social equivalente e, preferencialmente, branca, mas o mesmo critério aplicava-se a ambos os gêneros”. Ou seja, o destino de Umbelina já estava traçado a partir da sua cor de pele.

Além disso, ela não consegue sentir-se acolhida pela sua crença religiosa. Isso porque se sentia abandonada por Deus. Não entendia direito o discurso do Padre na igreja, pregando que ninguém podia fugir ao seu destino.

Onde se esconderia o grande Deus, divinamente misericordioso, de quem o padre falava na missa do arraial em termos que ela não atingia, mas a faziam estremecer? Ninguém pode fugir ao seu destino, diziam todos; estaria então escrito que a sua sorte fosse essa que o pai lhe prometia – de matar a fome aos porcos com a carne da sua carne, o sangue do seu sangue?! (ALMEIDA, 2019, p. 40).

A saga de sofrimento e violência que a personagem suporta no decorrer da narrativa atinge seu ápice após o nascimento de seu filho. Umbelina olha para a criança e tem medo de amá-la. Contudo, seus instintos maternos falam mais alto e o pequeno é enrolado em um xale, como uma forma de proteção. O sentimento de amor pelo filho aflora na jovem mãe e ela imagina que esse mesmo sentimento poderá florescer no pai da criança assim que ele a conhecer. Todavia, a sorte da cabocla já estava traçada, e em meio à escuridão e a exaustão do parto, desmaia e aquilo de mais cruel e temido acontece:

Umbelina sentiu-a grunhir. Viu confusamente os movimentos repetidos do seu focinho trombudo, gelatinoso, que se arregaçava, mostrando a dentuça amarelada, forte. Um sopro frio correu por todo o corpo da cabocla, e ela estremeceu ouvindo um gemido doloroso, doloridíssimo, que se cravou no seu coração aflito. Era o filho! Quis erguer-se, apanhá-lo nos braços, defendê-lo, salvá-lo... mas continuava a esvair-se, os olhos mal se abriam, os membros lassos não tinham vigor, e o espírito mesmo perdia a noção de tudo. Entretanto, antes de morrer, ainda viu, vaga, indistintamente, o vulto negro e roliço da porca, que se afastava com um montão de carne perdurado nos dentes, destacando-se isolada e medonha naquela imensa vastidão cor de rosa (ALMEIDA, 2019, p. 44).

A porca que rondava a moça em meio à escuridão aproveita o estado enfermo da jovem e leva seu filho. Temos uma narrativa que beira a ambiguidade. Não sabemos ao certo se foi delírio da jovem ou se realmente o animal devora seu filho. O que se sobressai na narrativa de Almeida é a descrição dos porcos, vejamos:

Via-os sempre ali, arrastando no barro os corpos imundos, de pelo ralo e banhas descaídas, com o olhar guloso, luzindo sob a pálpebra mole, e o ouvido encoberto pela orelha chata, no egoísmo brutal de concentrar em si toda a atenção. Os leitões vinham por vezes, barulhentos e às cambalhotas, envolverem-se na sua saia, e ela sacudia-os de nojo, batendo-lhes com os pés, dando-lhes com força. Os porcos não a temiam, andavam perto, fazendo desaparecer tudo diante da sofreguidão dos seus focinhos rombudos e móveis, que iam e vinham grunhindo, babosos, hediondos, sujos da lama em que se deleitavam, ou alourados pelo pó do milho, que estava para ali aos montes, flavescendo ao sol (ALMEIDA, 2019, p. 39-40).

O porco, segundo Chevalier e Gheerbrant (2009, p 734), representa a comilança e também a voracidade. É “o símbolo das tendências obscuras, sob todas as suas formas, da ignorância, da gula, da luxúria e do egoísmo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p 734). Além disso, pode ser associado à ideia de abundância, visto que os cofrinhos, cápsulas utilizadas para guardar moedas, são representados em forma de porco.

Ainda nas palavras de Chevalier e Gheerbrant (2009, p 734), “a porca foi divinizada como um símbolo da fecundidade e de abundância, rivalizando com a vaca (...) simboliza o princípio feminino reduzido a seu papel de reprodução”. No conto de Almeida, os animais são descritos

como bestiais e provocam repugnância na cabocla Umbelina. O que mais a apavora não é o fato do infanticídio, mas como ele poderia acontecer: seu filho seria comida dos porcos. Esse ato cruel que seu pai promete fazer é que causa o desconforto.

Frisamos que em nenhum momento a jovem cogita cuidar de seu filho após o nascimento. Silva (2018, p. 82) ressalta que “a voz ativa de Umbelina, enquanto sujeito, é tão oprimida e desprezada, que ela própria passa a nutrir ódio pelo filho no decorrer da gravidez, sem perceber e sem questionar-se qual seria a atitude que realmente gostaria de tomar”. A violência que a personagem sofre no texto a aniquila de tal forma que não existe outra saída a não ser a morte, tanto para a mãe quanto para o filho.

O conto almeidiano traz à baila uma personagem oprimida e, como assinalam Zinani e Polesso (2010), com uma visão marginalizada. Isso porque a sociedade patriarcal priorizava a voz masculina. A mulher tinha apenas a função de casar e procriar. Caso não se enquadrasse nesse perfil, era oprimida e sofria todo o tipo de violência, como ocorre com a personagem Umbelina, à margem da sociedade.

No século XIX, os filhos indesejados eram abandonados em conventos ou orfanatos. As mulheres que engravidavam antes do casamento, como informa Del Priore (2013), ou abandonavam as crianças ou cometiam infanticídio. Uma solução cruel mas, para muitas mulheres, a única encontrada em meio a uma sociedade que as deixava abandonadas à própria sorte.

O abandono se dava também por parte da igreja que condenava as relações fora do casamento. As moças que engravidavam antes de consumir o matrimônio não eram vistas com bons olhos, tinham sua honra violada. Para aquelas de classe social menos favorecida e de cor a situação era pior ainda. A única coisa que as jovens dessa classe social teriam a oferecer aos seus futuros maridos era a sua honra. Quando eram violadas, não lhes restava mais nada.

O mais interessante de tudo isso, como já mencionamos anteriormente, é o fato de que a sociedade em geral não questionava a violência sofrida pela mulher. Apenas a puniam com ainda mais violência. Del Priore (2006, p. 60) assinala que era comum as mulheres serem “inferiorizadas por sua condição feminina, racial e servil no imaginário colonial”. Gotlib (2003, p. 21) corrobora com a afirmação de Del Priore ao pontuar que a subordinação do sujeito feminino, em uma sociedade colonizada por europeus, é percebida pelo silenciamento.

A personagem do conto “Os porcos” representa esse silenciamento, essa subordinação ao dominante e opressor masculino. Sua única forma de libertar-se da condição de oprimida é ainda a mais cruel: a sua morte.

Considerações Finais

Com isso, constatamos que a escrita de autoria feminina, conforme as constatações de Schmidt (2019, p. 64), procurou questionar o cânone literário que mantinha a hegemonia masculina, deixando à margem a voz silenciada da mulher. Júlia Lopes de Almeida traz à tona no conto “Os porcos” a voz oprimida e a violência sofrida pela cabocla Umbelina.

Embora tenha vindo de uma camada social mais privilegiada da sociedade, o olhar de Almeida é muito lúcido. Sua narrativa denuncia a opressão feminina, o silenciamento e a necessidade de mudar a condição da mulher no meio em que vivia. Figueiredo (2014) argumenta sobre a obra de Almeida:

Júlia Lopes de Almeida vai mostrar com suas obras, que a sua narrativa não se trata meramente de uma apologia feminista, mas de uma ampla visão de como a rigidez da estrutura familiar da época acaba por massacrar os direitos dos que são oprimidos pelo sistema social. Na verdade, Júlia denuncia em sua obra que a desigualdade não é tida somente entre os sexos, mas também entre as diversas classes contidas na sociedade brasileira (FIGUEIREDO, 2014, p. 40).

Essas desigualdades da sociedade brasileira enfatizadas por Figueiredo são denunciadas por Almeida em suas obras. No conto “Os porcos” isso fica bem evidente. Umbelina é massacrada por todos. A família a rejeita, o homem que a violou também, assim como a sociedade e

a igreja. O que mais gera indignação é a atitude de todos em relação à personagem feminina: todos a acusam e ninguém a acolhe nem questiona o fato de que ela pode ter sido seduzida.

A atitude do rapaz que a violou não é condenada. Quem sofre a punição é a mulher. Isso porque, como já mencionamos no decorrer de nosso estudo, a conduta da mulher deveria ser impecável, submissa ao pai, ao irmão e ao marido. A educação feminina era voltada para a conquista de um bom casamento.

Também fica comprovado no conto de Almeida a denúncia de um sujeito marginalizado pela sociedade patriarcal: a mulher de classe mais humilde e de raça mestiça. Essas eram vistas como objeto sexual dos homens, com a intenção de satisfação de desejos e não como mães, dignas de respeito. Mais uma vez a sociedade patriarcal silenciou e vitimou o sujeito feminino. O legado de Júlia Lopes de Almeida denuncia, de modo sutil, essa violência contra a mulher, por isso o estudo da autora é tão relevante.

Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Os porcos. In: ALMEIDA, Júlia Lopes. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2019. p. 39-44.

ALMEIDA, Margarida Lopes de. Biografia de Dona Júlia. In: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **O funil do diabo**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.

AMED, Jussara Parada. **Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)**. 2010. 234 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-08102010-163035/publico/2010_JussaraParadaAmed.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANDT, Alan. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2013.

DIAS, Ana Paula Pereira. **A representação feminina em Ânsia eterna, de Júlia Lopes de Almeida**. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, Tocantins. Disponível em: <http://umbu.uft.edu.br/bitstream/11612/2056/1/Ana%20Paula%20Pereira%20Dias%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 04 mar.2021.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). **Mulheres e Literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

_____. **Imprensa feminina e feminista: século XIX: dicionário ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ELEUTÉRIO, M. L. **Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. **Resgatando a memória literária: uma edição crítica de Ânsia eterna de Júlia Lopes de Almeida**. 2014. 231 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/10917/1/>. Acesso em: 20 mar.2021.

GOTLIB, Nácia Battella. A literatura feita por mulheres. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART Zahidé Lupinacci (org.). **Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003, p. 19-72.

LOBO, Luiza. A literatura feminina na América Latina, **Revista Brasil de Literatura**. Ano 1. jul./set.1997. Disponível em: <http://filipe.tripod.com/LLobo.html>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LUCA, Leonora de. **A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira**. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>. Acesso em: 30 nov. 2019.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: Matos, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. São Paula: UNESP, 2003.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

RUELA, Natália. **Feminismo e construção de identidades femininas: As meninas, de Lygia Fagundes Telles**. 2009. 111f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4114>. Acesso em: 24 fev.2021.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. **A escritora/os críticos/a escritora: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira**. 2005. 231 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHMITD, Rita Teresinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. In: HOLLANDA, He-loísa Buarque de (org.) **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SILVA, Jéssica Mara Bergonzini. **Mulher, colonização e descolonização em contos de Júlia Lopes de Almeida**. 2018. 109 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO, Brasil, 2018.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: Mary Del Priore (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; POLESSO, Natália Borges. Da margem: a mulher escritora e a história da literatura. **Métis: história & cultura**. Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 99-112, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/998>. Acesso em: 07 jan. 2021.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica Feminista. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2004.

Recebido em 25 de abril de 2021.

Aceito em 20 de agosto de 2021.